

(Continuación)

UMA LINHAGEM MEDIEVAL PORTUGUESA —OS SÁS—



Como já foi referido, o seu nome aparece citado várias vezes nas Inquirições de D. Afonso IV (42).

Casou com **Maria Martins**, de quem se desconhece documentalmente a filiação. Admitimos, porém, que pertencesse à linhagem de Gemunde (referida nas várias inquirições como possuidora de várias honras, nomeadamente a de S. Miguel de Gemunde, onde possuía ainda o padroado da igreja).

Avançaremos mesmo com uma possível filiação: Egas Martins de Gemunde e sua mulher Inês Esteves, já falecidos em 26-4-1351 quando outro filho, Gonçalo Martins de Gemunde, escudeiro, renunciou aos direitos de natural do mosteiro de Moreira e que, na mesma data, testemunhou a mesma renúncia feita por (seu primo?) Diogo Gil de Frazão, escudeiro (filho de Gil Martins de Frazão e de sua mulher Constança Esteves) (43).



Igreja de Santiago de Antas (Famalicão), cujo padroado pertenceu aos Sás

(42) Vide nota 34.

(43) ANTT, Mosteiro de S. Salvador de Moreira, Col. Especial, c. 16, cx. 91, m^o 11, n^o 15. Informação fornecida pelo Prof. Doutor José Augusto de Sotto Mayor Pizarro.



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

Estamos também convencidos de que a mulher de Egas Martins de Gemunde (Inês Esteves) e a de Gil Martins de Frazão (Constança Esteves) poderiam ser irmãs.

Mais ainda: ambas poderiam ser filhas de Estêvão Pires Farizeu (irmão de Lourenço Pires Farizeu, dito Quã, escudeiro, já falecido em 1323 e casado com Senhorinha Pires, de quem teve inúmeros filhos) e de sua mulher Inês Pires.

E, a ser assim, irmãs de Vasco Esteves, Pero Esteves, Leonor Esteves, Teresa Esteves (casada com João Lourenço, escudeiro de Maceira, filho de Lourenço Abril), Gonçalo Esteves, Gil Esteves, Catarina Esteves e Mafalda Esteves, todos citados entre os padroeiros dos mosteiros de Moreira e S. Simão da Junqueira (44).

Pelo menos é referida uma Inês Esteves entre os filhos de Estêvão Pires Farizeu.

E também se deve notar que nos naturais de Pedroso é citado nos cavaleiros e escudeiros um *Afonso Gólz de Maceira*, que poderá ser descendente do casal acima citado e, como tal, de Estêvão Pires Farizeu.

Seriam estes Farizeus também descendentes dos padroeiros de Pedroso e Grijó?

A confirmar-se esta hipótese, os filhos de Gil Martins de Frazão (tal como os de João Afonso de Sá) teriam adquirido a naturalidade pela linhagem da mãe (os Farizeus).

Quanto à filiação daquele Gil Martins discordamos de José Augusto Pizarro, quando este ilustre professor e medievalista o supõe filho de Martim Pires do Avelar e de sua mulher Guiomar Anes de Frazão.

Seria ele antes filho de Martim Anes de Frazão e de sua mulher Margarida Esteves, *dita Galou*, (provável irmã de Gonçalo Esteves Galou e ambos filhos de Afonso Esteves Galou e de sua mulher Teresa Martins), que tiveram outro filho, Rui Martins de Frazão, escudeiro, que desistiu em

(44) LUIZ DE MELLO VAZ DE SÃO PAYO, «Os Naturais (séc. XIII e XIV)», in revista *Raízes & Memórias*, nº 1 (1987), págs. 67-69. E ainda JOSÉ AUGUSTO P. DE SOTTO MAYOR PIZARRO, «Os Patronos do Mosteiro de Grijó», págs. 84-85.



1334 de todos os direitos que possuía a favor do mosteiro de Moreira (45).

Deste modo se compreenderá que os Sás e Frazões fossem padroeiros dos mosteiros de Moreira e S. Simão da Junqueira.

Dos segundos não há qualquer dúvida pelos factos acima relatados.

Em relação aos Sás, há um indício: na sentença que obteve o mosteiro de Moreira contra Maria Anes (mulher de Fernando Aires do Vale) e seus filhos, os quais eram (ou pretendiam ser) descendentes dos padroeiros daquele cenóbio. Ora, aquele Fernando Aires do Vale era filho de Aires do Vale e de Senhorinha Anes de Sá (filha de João Afonso de Sá) (46).

Também é muito provável que Egas Martins de Gemunde fosse parente muito próximo (talvez sobrinho e filho de um Martim) de João Fernandes de Gemunde, milites, que em 1/11/1286 deu ao mosteiro de Vairão dois casais em Gemunde (que haviam sido de seus pais e ele houvera por partição com Teresa Fernandes), com outorga das irmãs Constança e Clara Fernandes, monjas naquele cenóbio (47).

O mesmo João Fernandes de Gemunde testemunhou em 13/4/1289 um prazo feito pelo mosteiro de Moreira (48).

Em 26/7/1307 testemunhou uma composição feita por Vasco Pereira e seu cunhado Martim Lourenço da Cunha, com o abade de Argivai (49).

E finalmente em 30/10/1318 tinha uma demanda com Gomes Fernandes, cavaleiro de Rio Covo, como irmão e herdeiro de Vasco Fernandes, abade de Rio Covo, por certa quantia que este lhe ficara devendo; amigavelmente nomearam árbitros a

(45) Vide *ob. cit.* em 1º lugar na nota anterior, pág. 68.

(46) *Idem*, pág. 67.

(47) ANTT, Mosteiro de S. Salvador de Vairão, c. 21, cx. 1, mº 5, nº 18. Mais uma informação do Prof. Doutor José Augusto Pizarro.

(48) ANTT, Mosteiro de S. Salvador de Moreira, Col. Especial, c. 16, cx. 91, mº 9, nº 43. *Idem*.

(49) ADB, Lº das Cadeias, nº 75



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

Rui do Vale, abade de Galegos, e a Estêvão Garcia, escudeiro de Crasto (50).

Este João Fernandes de Gemunde era filho de Fernão Mendes de Gemunde e de sua mulher D. Maria e, provavelmente, neto paterno de Mem Pais de Gemunde, referido nas Inquirições de D. Afonso III, como senhor da honra de Gemunde (muito certamente irmão de Pero Pais de Gemunde, um dos que assinam a carta de foral de Vila Nova de Famalicão, cabeça da terra de Vermoím, e Fernando Pais de Gemunde, ambos cavaleiros de D. Sancho II) (51).

Nas Inquirições de D. Afonso III (5^a Alçada), ao referir-se a freguesia de S. Tiago de Antas, do julgado de Vermoím, afirma-se a dado passo: «*Item in quintana de Antis Pelagii Formosi nutriverunt filiam Menendi Pelagii de Gemundi*» (52).

Este Mem Pais de Gemunde é, sem margem de dúvidas, o nomeado nas mesmas inquirições, ao citar-se a freguesia de S. Miguel de Gemunde: «*Item, dixit quod in toto Gemundi non intrat maiordomus Domini Regis pro voce et calumpnia, quia est honor vetus Menendi Pelagii de Gemundi, sed nescit quantus est per que loca dividit*» (53).

Muitos autores chamam Teresa Rodrigues à mulher de João Afonso de Sá e fazem-na filha de Martim Mendes de Berredo.

O patronímico não estaria de acordo com aquela filiação. Para além disso temos muita dificuldade em identificar tal membro da linhagem de Berredo com aquele nome e na época correspondente.

A não ser que se tratasse de Martim Mendes de Briteiros que em 1290 trazia alguns casais na freguesia de S. Martinho

(50) ANTT, Mosteiro de S. Bento de Avé-Maria do Porto, c. 25, cx. 8, m^o 1, s/n^o. Tal como nas notas anteriores, ficámos a conhecer estes documentos por obséquio do prezado Amigo Prof. Doutor José Augusto Pizarro.

(51) P.e Benjamim Salgado, "Vila Nova entre dois forais", pág.s 63-64.

(52) PMH, Inquirições de D. Afonso III (5^a Alçada), pág. 1458.

(53) Idem, *ibidem*, pág. 1449.

(54) José Augusto P. DE SOTTO MAYOR PIZARRO, «Os Patronos do Mosteiro de Grijó», pág. 129.



de Gondomar, no termo de Guimarães, e que em 1312 e 1315 confirma doações régias (54).

Mas, segundo parece certo, este não deixou descendência, ainda que possa admitir-se que a houvesse bastarda e que tal fosse o caso daquela Maria Martins.

Era filho de Mem Rodrigues de Briteiros, trovador, um dos ricos-homens mais importantes das cortes de D. Afonso III e D. Dinís, tenente das terras da Maia e de Sousa, vice-mordomo d'el-rei, senhor de inúmeros bens no julgado de Guimarães, candidato à herança do conde D. Gonçalo Garcia de Sousa, que recebia em 1315 comedoria como rico-homem natural do mosteiro de Tibães (55), e de sua mulher Maria Anes da Veiga, sobrinha de Lourenço Martins de Berredo, que é citada em 1268 a reclamar certos bens de avoenga dos Berredos (56).

Como estamos convencidos de que foi pelo casamento com Maria Martins que os Sás adquiriram os direitos de naturais dos mosteiros de Pedroso e Grijó —cenóbios aos quais estavam também ligados os Briteiros e Berredos, mas na lista dos ricos-homens e infanções—, não deixaríamos de estranhar que eles venham citados nos cavaleiros e escudeiros guerrudos.

Em trabalhos anteriores (57), avançámos as hipóteses de aquela Maria Martins poder pertencer a linhagens como as dos Vales ou Madeiras, enquanto o Prof. Doutor Luiz de Mello Vaz de São Payo sugeria ser ela da família dos Avelares (58) (todas naturais dos mosteiros de Pedroso e Grijó).

Poderíamos, ainda no campo das hipóteses, considerá-la ligada, de algum modo, à linhagem de Outiz, família que radica o seu apelido e origem na quintã e honra do mesmo nome, no

(55) Idem, idem, ibidem.

(56) Idem, idem, ibidem.

(57) Vide do autor: «Sás - Subsídios para uma Genealogia», in Boletim de Trabalhos Históricos, Vol. XXXI (Guimarães - 1981); «Os Sás e as suas origens», in revista Armas e Troféus, V Série - Tomo I (Jan./dez. 1981), nºs 1, 2 e 3; «Sás - Subsídios para uma Genealogia - II», in Boletim de Trabalhos Históricos, Vol. XXXVI (1985).

(58) LUIZ DE MELLO VAZ DE SÃO PAYO, «Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral», Coimbra (ed. Univ. Coimbra), 1971, pág. CXLII.



julgado de Vermoim, bem junto da extinta freguesia de S. Miguel de Gemunde.

E isto porque não deixa de ser perturbadora a referência, em certo documento do mosteiro de S. Simão da Junqueira, de Rodrigo Anes de Sá (filho de João Afonso de Sá e Maria Martins) ter havido certos bens daquela quintã, por herança de certo João Anes, escudeiro, tio de Gil Esteves de Outiz, escudeiro (59).

Ora Gil Esteves de Outiz foi vassalo d'el-rei e teve a alcaidaria de Guimarães por mercê de D. João I (vila onde possuía vários bens e onde, em 16/3/1368, a colegiada tomou posse de umas casas na rua de Santa Maria, que por contrato ele lhe deixara) (60), tendo recebido do mesmo monarca as terras de Trasariz, Cãs e Segade (61) e a terra de Prado (62), tendo-lhe ainda sido honrada a sua quintã de Ulveira, no julgado de Prado (63).

Pois Gil Esteves de Outiz é citado em 1363 e 1365, respectivamente, como natural dos mosteiros de Pedroso e Grijó, neste último, curiosamente, logo antes de Rodrigo Anes de Sá (indício de parentesco próximo?).

De resto, também em certa doação de Gil Esteves ao mosteiro de Grijó, em 30/5/1376, são citados como testemunhas João Rodrigues de Sá, escudeiro, filho de Rodrigo Anes de Sá, cavaleiro, e Gonçalo Anes de Sá, escudeiro (64).

Ainda assim, é nossa convicção que existia sim parentesco entre os Sás e os d'Outiz, mas por ambos descenderem da linhagem de Gemunde.

Saliente-se que na freguesia de S. Tiago de Antas, o padroado da igreja pertenceu a estes Sás, como refere no seu testa-

(59) Documento que nos foi comunicado pelo nosso querido e saudoso amigo, e eminente historiógrafo, Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas.

(60) Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães), Nota Antiga da Colegiada, L^o 9, fls. 9.

(61) ANTT, Chancelaria de D. João I, L^o 1, fls. 99 v^o.

(62) Idem, idem, ibidem, fls. 108 v^o.

(63) Idem, idem, idem, fls. 59.

(64) ANTT, Mosteiro de S. Salvador de Grijó, Col. Costa Basto, n^o 6, fls. 104.



mento João Rodrigues de Sá, «o das Galés», como veremos mais adiante.

Pinho Leal (65) afirma que nesta paróquia (na qual foi em tempos integrada a extinta freguesia de S. Miguel de Gemunde, hoje mero lugar da vizinha de Brufe), existiu um convento templário que, após a extinção desta Ordem, passou aos senhores da Maia e, mais tarde, aos condes de Penaguião e marqueses de Abrantes, representantes (como é sabido) destes Sás!

Esqueceu-se, certamente, aquele autor que a linhagem dos senhores da Maia havia já desaparecido meio século antes da extinção da «Milícia de Cristo»!!!

É pois nossa convicção que a mulher de João Afonso de Sá era uma dona da linhagem de Gemunde, de quem ele terá herdado a quintã e honra de S. Miguel de Gemunde, juntamente com o padroado da igreja, que terá eventualmente acumulado ao da igreja de S. Tiago de Antas.

Filhos:

1(IV)- **Rodrigo Anes de Sá**, segue

2(IV)- **Senhorinha Anes de Sá**, que em 1363 é referenciada como natural do mosteiro de Pedroso (ainda que, por lapso, lhe chamem Constança, talvez por confusão com a sobrinha, a irmã de João Rodrigues de Sá, «*a q nō sabyamos o nome*»), e em 1365 na lista do mosteiro de Grijó.

Casou com **Aires do Vale**, de quem se desconhece a filiação.

Levou em dote a quintã de Sá.

Filhos (66):

1(V)- **Fernando Aires do Vale**, nomeado como natural de Pedroso e Grijó em 1363 e 1365, respectivamente.

(65) Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, «Portugal Antigo e Moderno», ed. Livraria Editora de Mattos Moreira & Comp^a, ano de 1873, Vol. Primeiro, pág.s 220 e 221.

(66) Tiveram, pelo menos, mais filhas do que a que vai indicada no texto, sem ainda assim sabermos quantas. Isto porque na carta de D. Fernando



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

Casou com **Maria Anes**, de quem desconhecemos a filiação.

Eram ou pretendiam ser herdeiros do mosteiro de Moreira, mas este cenóbio medievo alcançou sentença contra ele, mulher e filhos (67).

2(V)- **Beatriz Aires do Vale**, monja no mosteiro de Arouca, com quem fez escambo o tio Rodrigo Anes de Sá, por força da quintã de Sá (68).

3(IV)- **Gonçalo Anes de Sá**, escudeiro (em 1354 tinha já o foro), tabelião d'el-rei no julgado de Montelongo, senhor da quintã de Sá (que era reuenga), em Santa Ovaia a Antiga, daquele julgado, que lhe fora aforada pelo infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Inês de Castro) e confirmada por D. Fernando.

É igualmente citado, em 30/5/1376, como testemunha da doação de Gil Esteves de Outiz ao mosteiro de Grijó (como já referimos).

Não é, porém, citado nas listas dos naturais dos mosteiros de Pedroso e Grijó, em 1363 e 1365, respectivamente, o que poderá significar que, ou fizeira desistência dos seus direitos, ou era filho de outro casamento de seu pai (quando não fosse bastardo).

Casou com **Catarina Domingues**, mas não deve ter tido filhos do casamento, pois que ele e a mulher fizeram doação daquela quintã a Fernando Esteves de Covelas, tabelião de Montelongo, e a sua mulher

citada nas notas 1 e 3 se afirma que ao falecer Senhorinha Anes de Sá «...ficarom hi suas filhas antre as quaaes ficou hua que há nome Beatriz Airas que he dona monja professa do mosteiro darouca...».

(67) Luiz DE MELO VAZ DE SÃO PAYO, «Os Naturais (séc. XIII e XIV)» in revista *Raízes & Memórias*, nº 1 (1987), pág. 67.

(68) Ver notas 58.



Inês Dias, para sempre e para os seus sucessores, em consideração do bem e da honra que destes haviam recebido e julgavam receber no futuro.

Esta doação foi ratificada por D. João I, que confirmou o aforamento por carta de 20-9-1400 (69).

IV- Rodrigo Anes de Sá, cavaleiro, vassalo dos reis D. Pedro I e D. Fernando, padroeiro de S. Miguel de Gemunde e S. Tiago de Antas, senhor das quintãs de Sá, de Gemunde, de Dri- zes e do Pingo (estas duas em Lafões, sendo a última por doação de seu escudeiro Pero Esteves do Avelar, de quem foi herdeiro universal, como salientaremos mais adiante), natural dos mosteiros de Pedroso e Grijó.

Teve o castelo de Gaia, por mercê de D. Pedro I, em 23-5-1367 —ainda que se leia em certo documento de 20-4-1357 «*Rodrigeannes Alcayde da dita vjla*», isto é, em tempo de D. Afonso IV— (70) e os direitos reais e rendas de Gaia e seu termo, de Vila Nova a par de Gaia e seu termo, em pagamento de sua contia para servir el-rei com certas lanças, mercês confirmadas pelo imediato sucessor, o rei D. Fernando (71).

Em 26-2-1369 é citado como testemunha em certa compra feita por João Lourenço Buval, cavaleiro, a Vasco Fernandes de Figueiredo, escudeiro (72).

O Prof. Doutor Luiz de Mello Vaz de São Payo, no seu aliás bem elaborado estudo «Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral» (73), baseando-se em autores viseenses, fá-lo casado (presumivelmente em 1^{as} núpcias) com Catarina Anes de Loureiro, filha do deão da Sé de Viseu, D. João Anes de Loureiro, senhor da quintã e honra de Loureiro, em Santa Maria de Silgueiros, de cuja igreja era padroeiro, e de Marinha Gonçalves.

(69) ANTT, Chancelaria de D. João I, L^o 2, fls. 172.

(70) Corpus Codicum Latinorum, L^o 1 dos Pergaminhos, doc. 44.

(71) ANTT, Chancelaria de D. Fernando, L^o 1, fls. 13 v^o e 124 v^o.

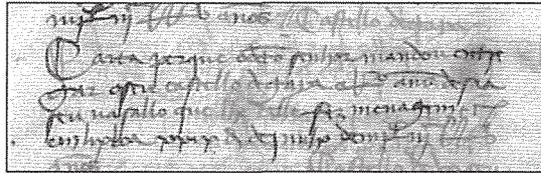
(72) ANTT, Mosteiro de S. Pedro de Arouca, C. 2, Gav. 6, m^o 4, n^o 3.

(73) Vide *ob. cit.*, pág. CXLII.



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

Ainda que os autores viseenses hesitem em atribuir aquele casamento a ele ou a seu pai João Afonso de Sá, constata-se que os descendentes de João Rodrigues de Sá, o célebre Sá das Galés (filho de Rodrigo Anes) possuíam o padroado de Silgueiros.



Fac-simile da carta de concessão do castelo de Gaia a Rodrigo Anes de Sá (in «Gaia e os Sás», D. Luiz Gonzaga de Lancastre e Távora, revista «História de Gaia», Fascículo 11, pág. 440)

Permitimo-nos ter uma opinião diferente da do ilustre medievalista, avançando com a convicção de que a ligação dos Sás com os Loureiros se verificou precisamente pelo casamento do Sá das Galés com uma dama desta última linhagem.

Mas isso são contos que guardaremos para mais à frente. Ainda assim, sublinhe-se, não possuímos também prova documental para a hipótese que iremos formular.

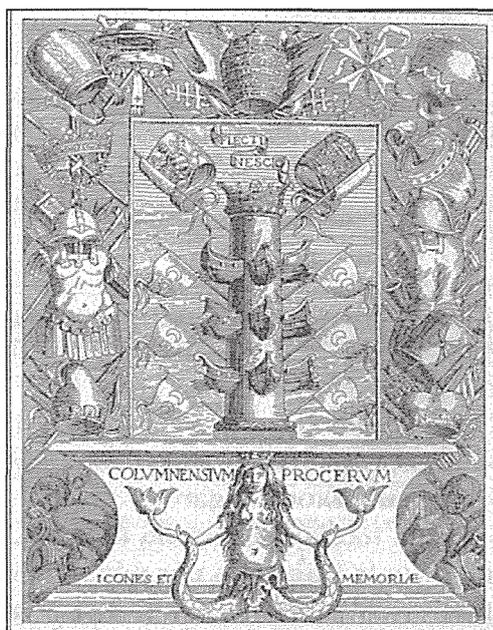
Os nobiliários portugueses, desde o século XVI, afirmam que terá casado com **Giulia (ou Cecilia) Colonna**, dama pertencente à nobilíssima e principesca família romana, que deu à História Universal nomes famosos e ilustres, como os do papa Martinho V (nascido Oddone Colonna), e de quem descendem os príncipes de Carbognano, Anticoli, Paliano, Palestrina, duques de Amalfi, Tagliacozzo, Paliano, Bassanelo, Albuquerque, Medina de Rio Seco, Cesaró e Urbino, marqueses de Pescara (a que pertenceu a célebre marquesa Vitoria Colonna, poetisa e mecenas das Artes do Renascimento italiano) e outras grandes casas senhoriais.

Os linhagistas portugueses fazem-na filha de Giacomo Colonna, senador de Roma (irmão dos cardeais Agapito e Stefano Colonna); neta de Pietro Colonna, dito Sciarreta, senhor de Cesena, também senador de Roma, «*uomo ardito e di natura fero-*



ce»; (74) e bisneta do tristemente célebre Giacomo Sciarra Colonna, que proclamou o Cisma contra o papa Bonifácio VIII e organizou a conspiração que terminou com a morte deste pontífice.

Este Sciarra Colonna (falecido em 1332 e casado com uma dama da família Orsini), senhor de Gallicano, Cesena, Nepi, San Cesareo, Paliano, Castel Nuovo, Monopello, Yocco, Casale del Conte, Campello, etc., foi várias vezes senador de Roma e coroou no Capitólio como imperador Ludovico, o Bávaro (o qual lhe concedeu o privilégio de usar a coroa imperial a encimar a coluna do brasão dos Colonnas).



Quadro alegórico da heráldica da família Colonna, de onde sobressaiem a coluna coroada, os troféus, os símbolos papais, cardinalícios, senatoriais e de ordens cavalheirescas (do livro «I Colonna dalle origini all'inizio del secolo XIX»)

(74) Prospero Colonna, «I Colonna dalle origini all'inizio del secolo XIX», Roma - 1927. Por obséquio do saudoso Dr. Eugénio da Cunha e Freitas possuímos cópia deste livro.



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

O irmão primogénito de Sciarra, Stefano Colonna, o Grande, foi senador de Roma e conde de Romagna, senhor de Palestrina e Colonna, etc. (pai, nomeadamente, do cardeal Giovanni Colonna, que viveu e morreu em Avinhão em 1348, de Jacopo Colonna, bispo de Lombes, de Agapito Colonna, senhor de Zagarolo e Genazzano, também senador de Roma e pai do príncipe de Salerno (Giordano Colonna III – que foi avô de Oddone Colonna, futuro papa Martinho V, de Giordano Colonna, príncipe de Salerno e duque de Amalfi, e de Lorenzo Colonna, Grande-Camareiro do rei e conde de Alba).

Outros irmãos foram: Giovanni Colonna, senador de Roma em 1323, e Pietro Colonna, cardeal de S. Eustachio, falecido em Avinhão no ano de 1326.

Todos foram filhos de Giovanni Colonna, senador de Roma e marquês de Ancona, pelo papa Nicolau IV, senhor de Palestrina, Colonna, Cesena, Gallicano, San Cesareo, Genazzano, dos castelos de Colonna, Giove e Zagarolo, do palácio Colonna em Roma, etc., casado com uma dama da família dos Anguillara.

Deste foram irmãos: Oddone Colonna, Landolfo Colonna, senhor de Riofreddo, Giacomo Colonna, cardeal e diácono de Santa Maria in Via Lata, Matteo Colonna, bispo de S. Omer, e Margherita Colonna, beatificada em 1284.

Giovanni Colonna e irmãos eram filhos de Oddone Colonna, senador de Roma, senhor de Palestrina, Gallicano, Colonna, San Cesareo, Genazzano, Zagarolo, Cesena, Pescina, Riofreddo, etc., e de sua mulher Antonella Gaetani.

Como em anteriores trabalhos por nós publicados sobre os Sás (75), mantemos algumas reservas sobre a consumação desta aliança, inclinando-nos a admitir como possível uma relação espúria entre esta dama e Rodrigo Anes de Sá.

É que cronologicamente nos parece difícil aceitar o nascimento de João Rodrigues de Sá e irmãs antes de 1350.

Também a afirmação de alguns linhagistas portugueses de que Rodrigo Anes de Sá fora embaixador do nosso rei D. Fer-

(75) Vide nota 57.



nando a Roma e ao papa Gregório XI, a ser correcta, parece excluir definitivamente uma descendência deste casal.



Retrato de Giacomo Colonna, dito «Sciarra», da autoria de Giorgione, pertencente à galeria do Palácio Colonna, em Roma («I Colonna dalle origini all'inizio del secolo XIX», pág. 31)

Tal embaixada, a existir, só teria sentido (como, de resto, muito bem conjectura Luiz de Mello Vaz de São Payo) (76) entre o ano de 1377, em que o pontífice regressou de Avinhão, e o de 1378 em que faleceu.

Ora facto assente e comprovado por documentos é ser, nesta data, Rodrigo Anes de Sá casado com Beringeira Anes do Vale, casamento este que durava há mais de catorze anos e que se desfez somente com a morte dele.

(76) Vide *ob. cit.* nota 58.



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

De resto, sabemos que em 1381 ainda Rodrigo Anes era vivo, pois nessa data se fez um instrumento de escambo, acerca do casal da Quintã, em Santa Maria de Abade, entre Fernando Afonso do Vale, abade de S. Cosme do Vale e cónego de Braga, e sua sobrinha Beringeira Anes do Vale e marido Rodrigo Anes de Sá (77).

Por outro lado, também sabemos que Rodrigo Anes era já casado em 1349 com Mécia Pires e que esta mulher ainda era viva em 1353.

É o que nos informa um documento do cartório do convento de Grijó, pelo qual ele e esta mulher, por instrumento lavrado em 26-11-1353, por Afonso Anes, tabelião d'el-rei em Gaia e Vila Nova, seus termos e julgados, restituíram a este cenóbio certas propriedades no termo de Macieira, julgado da Feira, entre os quais a quintã dos Grandões.

E nesse mesmo documento afirma-se que «...o dito Rodrigue Annes e a dita sa mulher por si e por seu mandado delo anno da era de mil e trezentos e oitenta e sete annos (1349 A.D.) açã lhe tornou e embargou as ditas erdades e levaram ende os fruitos e os novos e nom leixarom nem leixão pessuhir e aver nom avendo rrazom nem dereito pera o fazer». (78)

Restaria a possibilidade de encaixar o casamento com a Colonna entre 1353 (data do instrumento atrás referido) e 1365 (ou mesmo 1363 se atendermos à certeza que possuímos dele se encontrar já casado com Beringeira Anes do Vale nesta data, ao serem referidos no rol de fidalgos naturais do mosteiro de Pedroso) (79).

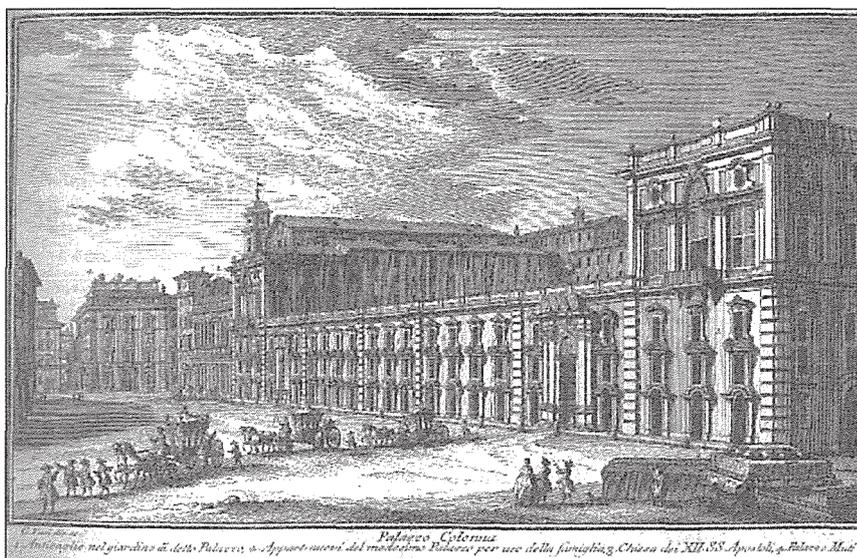
E, nesse caso, João Rodrigues —a ser filho deste conúbio— teria cerca de oito anos quando foi elaborada a lista de Pedroso e dez na de Grijó.

Ou então considerarmos a hipótese —que não podemos negar ser aceitável— de Rodrigo Anes de Sá ter casado com a Colonna em 1^{as} núpcias e ainda antes de 1349.

(77) ANTT, Convento de Avé-Maria, I, maço 2, nº 5.

(78) ANTT, Mosteiro de S. Salvador de Grijó, L^o 1, fls. 301 v^o.

(79) Ver *ob. cit.* nota 58.



Palácio Colonna, em Roma (gravura italiana)

Na verdade, atendendo à data do seu presumível falecimento (que se situará entre 1381-1385), será perfeitamente verosímil admitir o seu nascimento cerca de 1320 ou ainda antes.

A ser assim, nada de espantoso que pudesse casar cerca de 1340.

Será que foi por esta altura que Rodrigo Anes foi enviado como embaixador ao papado? Mas nesse caso não o seria por mandado de D. Fernando (nem sequer D. Pedro I, como afirma o abade de Prozelo no seu Nobiliário) (80) e muito menos ao papa Gregório XI, pontífice que só foi eleito em 1371.

Como deixei referido em «Os Sás e as suas origens» (81), há referência a várias embaixadas dos nossos monarcas ao papado por esta época, ainda que não seja citada nenhuma encabeçada por Rodrigo Anes de Sá.

(80) BPMP, Reservados, Nobiliário, titº de Sás.

(81) *Ob. cit.*, pág. 19 (da separata).



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

Não é de todo conclusivo tal facto, é certo, sendo até possível ele ter sido escolhido para uma missão secreta do monarca português a qual, obviamente, não deixaria rasto documental.

A admitir-se a possibilidade deste fidalgo ter sido enviado a Avinhão entre 1340 e 1348, isto é, aos papas Bento XII (falecido em 25-3-1342) ou Clemente VI (eleito em 7-5-1342), poderia muito bem ter conhecido uma Cecilia ou Giulia Colonna.

É que, não só tais nomes são vulgares na estirpe dos Colonnas, como nesta data vivia em Avinhão o cardeal Giovanni Colonna (onde faleceu, recorde-se, no ano de 1348, sendo muito querido de Clemente VI).

Mais ainda: desejando o povo de Roma o regresso à Cidade Eterna do papado, foi enviada nesse mesmo ano de 1342 uma embaixada a Avinhão, conduzida por Stefano Colonna (irmão de Giacomo Sciarra Colonna) e por Petrarca (grande amigo e admirador dos Colonnas a quem dedicou vários dos seus sonetos).

Não conseguiram ainda assim demover o pontífice, o qual nomeou seus vigários em Roma ao citado Stefano Colonna e a Bertoldo Orsini.

Seguiu-se porém mais um período de absoluta anarquia em Roma, com a aclamação pelo povo romano de Cola da Rienza como Tribuno de Roma e que provocou, nos anos subsequentes (até 1348) a morte de Stefano Colonna, dito Stefanello (filho de Stefano Colonna acima referenciado), de seu filho Giovanni Colonna, jovem de vinte anos, e de seu parente Pietro Colonna, ex-senador de Roma e senhor de Genazzano (82).

Admitindo a «embaixada» a Avinhão, com alguma credibilidade no ano de 1342, com o fim de saudar o novo pontífice (mas neste caso não se compreenderia o secretismo), era possível que Rodrigo Anes de Sá aí pudesse encontrar uma Colonna.

Nunca, porém, uma filha de Giacomo Colonna, o Sciarra, o qual, como é sabido, havia sido excomungado e seus bens

(82) *Ob. cit.* nota 74.



confiscados. Ainda que não deixe de ser verdadeira a existência de uma Cecília Colonna, filha do Sciarra, à qual não se referem mais dados biográficos (83).

Não obstante, não seria admissível, esta filiação atendendo a saber-se que os filhos de Giacomo Sciarra nasceram antes de 1290.

Nos estudos do Marquês de Abrantes (84) é referido sistematicamente que Giacomo Sciarra Colonna era cardeal e teria sido nomeado pelo papa Nicolau IV protector e visitador do priorado português da Ordem de Santiago.

Na verdade, há aqui uma grande confusão. E ela fica a dever-se ao facto de Sciarra Colonna ter tido como tio outro Giacomo Colonna, esse sim cardeal e diácono de Santa Maria in Via Lata.

Assim, como exemplo, cite-se que o rei Carlos II, em 26/3/1290 «*volendo remunerare Giacomo della Colonna, Diacono di S. Maria in Via Lata, Cardinale, amico suo carissimo per assistenza prestatagli tanto da lui che da Giovanni della Colonna, milite e suo fratello, e per quella che allora gli prestavano, ed erano per prestargli in avvenire Agapito, Stefano e Giacomo, fratelli della Colonna e figli di esso Giovanni... gli concedeva per sè e i suoi in perpetuo: Monopello, Tocco, Casale del Conte, e Campello, feudi esistenti nella provincia di Abruzzi*» (85).

Por outro lado, a sentença de Bonifácio VIII contra os Colonnas refere-se expressamente a «*Jacobum et Petrum, quondam Cardinales; Joannem dictum de santo Vito et Oddonem filios quondam Joannis de Columna fratris dicti Jacobi, et patris Petri praefati omnibus iuribus, et bonis mobilibus et immobilibus ecclesiasticis; et tam ipsos quam Agapitum, Stephanum, et Jacobum dictum Sciarram, filios Joannis de Columna praedicti, et alios filios ejusdem Joannis...*» (86).

(83) Idem.

(84) Vide nota 10.

(85) *Ob. cit.* nota 75 (Arquivo Colonna, Arm. 1, fasc. I, n. 5).

(86) Idem, *ibidem*.



Os nobiliários portugueses são unânimes em afirmar que a mulher de Rodrigo Anes de Sá era bisneta do Sciarra, filha do homónimo Giacomo Colonna, senador de Roma, e neta de Pietro Colonna, Sciarreta, que no segundo semestre de 1355 foi eleito senador de Roma e perdoado pelo pontífice de então, Inocêncio VI.

Cronologicamente nada a opôr!

Seja qual for a hipótese a considerar, implica ponderar o nascimento do suposto filho, João Rodrigues de Sá, o das Galés, entre 1343-1348. O que corresponderia a ter entre dezasseite e vinte e dois anos à data em que é citado entre os patronos de Grijó.

Ora nesta data não lhe é atribuído qualquer foro, nem muito menos casamento, o que parece pressupôr ser ainda muito jovem.

De resto, recordemos que em 1376 ainda João Rodrigues aparece nomeado como escudeiro, no instrumento a que fizemos menção (87), pelo que temos muita dificuldade em aceitar o seu nascimento antes de 1350.

O tio de Giulia (ou Cecilia) Colonna, o célebre Agapito Colonna, que foi bispo de Ascoli (1363) e Brescia (1369), foi igualmente nuncio ao imperador e aos reis de Portugal e Castela, sendo nomeado bispo de Lisboa em 1371, mas parece só ter residido na capital portuguesa entre 1376 e 1377, tendo regressado a Roma no ano seguinte por ter sido feito cardeal de Santa Prisca, onde faleceu no ano de 1380.

Nada mais natural que ao vir para Lisboa o bispo Agapito Colonna trouxesse consigo na comitiva uma sobrinha (ou até, quiçá, uma sua filha bastarda) e que entre esta e Rodrigo Anes de Sá —à data cavaleiro de boa fazenda e protegido pelo monarca de então (D. Fernando), como o fora, de resto, do antecessor (D. Pedro I)— se estabelecesse alguma ligação amorosa.

Uma hipótese, nunca considerada até hoje, quero aqui deixar em 1ª mão: a de Rodrigo Anes de Sá ter ido a Avinhão e a Gregório XI, como «emissário» do rei de Portugal a fim de

(87) Vide nota 64.



conseguir que o bispo Colonna viesse finalmente para Portugal.

Se assim fosse, tal emissário teria feito essa viagem entre 1372-1375, conseguindo que Agapito fosse obrigado finalmente a vir para a sede do seu bispado.

Assim, embora não se possa falar de uma «embaixada» (que nunca terá havido realmente, nada constando, de resto, da documentação da Biblioteca Vaticana), nem a Roma (onde não se encontrava a cúria papal), não deixaria de haver uma deslocação do fidalgo português a Avinhão e ao papa Gregório XI.

Só que, a ser assim, mais uma vez vem de encontro à tese sempre por mim defendida: João Rodrigues de Sá não foi filho de uma Colonna, nem Rodrigo Anes de Sá com ela terá casado. Poderia, isso sim, com ela ter vivido «maritalmente» e “de facto” desde 1376, certamente com o apoio de seu filho, o das Galés, justificando-se assim, também, e por este motivo, a «insinuação» que ele formula numa carta ao arcebispo de Braga.

Deveremos realçar, de novo, que à data Rodrigo Anes era, comprovadamente, casado com Beringeira Anes do Vale.

E não descurámos sequer a hipótese de uma anulação do casamento com Beringeira Anes, que poderia subentender-se na afirmação do enteado em carta dirigida ao arcebispo de Braga, acerca da quintã de Gemunde —a que nos referiremos mais adiante— de que o prelado o esbulhara para a entregar a Beringeira Anes do Vale, «*molher que se diz que foy do ditto Rodrigueannes meu Padre*» (88).

Acontece que várias cartas régias a reconhecem como mulher legítima de Rodrigo Anes de Sá, tendo mesmo D. João I confirmado a posse de bens por ela herdados do marido e contra as pretensões de João Rodrigues.

O historiador e investigador brasileiro Prof. Francisco Dória foi um dos autores que inicialmente me manifestou desacordo pelas dúvidas que eu formulava acerca da veracidade

(88) Vide à frente nota 142.



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

do casamento com a Colonna. Sempre baseado nos mesmos argumentos de outros autores: a quase incontornável seriedade de Sá de Miranda e de seu primo João Rodrigues de Sá e Menezes. Se eles referiam a veracidade de tal aliança matrimonial (de que herdariam o sangue que tanto os honrava), era impensável colocar em dúvida tais autores. Depois, Francisco de Sá de Miranda teria mesmo conquistado a honra de conhecer pessoalmente a célebre Vitória Colonna, Marquesa de Pescara, atentos os laços familiares que os uniam.

Em 1917, a 3 de Outubro, assim se expressava o General Fernandes Costa, sócio da Academia das Ciências de Lisboa, em carta dirigida a Fidelino de Figueiredo (in «O Instituto», volume 64, pág. 499 e seguintes), a propósito da recém-publicada História da Literatura Clássica, da autoria deste último: *«Um problema a que o meu bom amigo e collega não dá maior importância no seu estudo crítico, mas que me parece merecedor de alguma, é o do parentesco de Sá de Miranda com Vittoria Colonna. Custa-me a acreditar-o. Não há arvores mais contorcidas e de mais caprichosos ramos do que as genealógicas... Pergunto a mim mesmo: Como é que o filho do cónego de Coimbra, Gonçalo Mendes de Sá, e de uma desconhecida manceba d'este, pode ter tido parentesco averiguado, reconhecido e aceite, com a filha do altivo e nobilíssimo Fabricio Colonna, grande condestável de Castela por nomeação de Fernando o Cathólico, alto cargo em que succedeu a Gonçalo de Córdova, o Grão-Capitão? Por que porta entrou ou de que porta sahiu, o nosso obscuro cónego, como membro da poderosíssima família, que deu príncipes temporaes e príncipes ecdesiásticos, incluindo papas (Martinho V), á Egreja e aos Estados italianos? Sá de Miranda, primo ou o que quer que seja, da neta do conde de Celano e duque d'Amalfi, peto pae, e, pela mãe, Anna de Montefeltro, neta de Frederico, duque d'Urbino? Ella, marquesa de Pescara, por seu marido Francisco de Avalos; que esteve a ponto de ser rainha de Nápoles, a cujo thrôno não subiu, por ter demovido d'essa ambição, quando estava em via de realisal-a, aquelle de quem foi mulher amantíssima? Não aceitâmos de ânimo leve estas vangloriosas attribuições; e, sobretudo, para,*



d'ellas se não derivarem pretensas consequências de criticismo positivo!».

Acontece que, como já eu havia salientado anteriormente, nada nos prova que Sá de Miranda tenha conhecido pessoalmente a Marquesa de Pescara (e muito estranho seria que, a ser verdadeiro tal encontro, ele não seja referido em toda a obra do poeta português, como bem salientou o Prof. Fernandes Costa); e mesmo que tal tivesse acontecido, que prova temos de que esse encontro teve algo a ver com um reconhecimento de parentesco entre os dois?

Por sua vez, Anselmo Braamcamp Freire escrevia acerca do mesmo assunto (in Revista de História, 1917, n.º 24, pág. 345 e nota 35): *«Ainda desejaria que os biógrafos de Sá de Miranda não aceitassem sem averiguação a aliança com os Colonnas, a qual eu estimaria ver confirmada, já não digo em documentos mas, pelo menos, em livros. Seria bem que fossem examinados os livros de Grijó, onde recebiam comedorias Rodrigo Anes de Sá e mulher, que não era Colonna, mas, sim, uma dona da linhagem do Avelar. Bem sei que não é só Francisco Sá de Miranda a desvanecer-se com esta aliança; também alude a ella João Rodrigues de Sá e Menezes nas suas quintilhas heráldicas, compostas em 1515 ou 16».*

Após ter tido conhecimento de toda a argumentação por mim aduzida para as reservas que formulava (e formulo) acerca da aliança do Sá com a Colonna, o Prof. Dória escreveu-me em Junho de 2003 *«Depois de uma troca de msgs em pvt com um notável genealogista italiano, soube que Pompeo Litta, nas "Famiglie Celebri Italiane", fala de um Alfonso de Sa, catalão, embaixador de Alfonso IV de Aragão, casado com uma Cecilia Colonna, no século XIV. Houve uma família Saa, aragonesa, com um ramo na Sardenha, pelo que me foi dito. Seriam estes?».*

Deixei-lhe a informação de que já em anterior ensaio sobre os Sás (publicado na revista «Armas & Troféus», V série, Tomo I (Janeiro/Dezembro), 1981, n.ºs 1, 2 e 3), eu me referira ao Conde Pompeo Litta e àquela sua obra, bem como a certo opúsculo publicado em 1941 por Aires de Sá, que aqui reproduzo, para quem o não conhece:



«Em 1941 publicou Aires de Sá um opúsculo sobre a sua ascendência. Nesse trabalho, de confuso e controverso conteúdo, pretende o autor comprovar a veracidade do casamento com a Colonna; só que desta feita, se conclui que não foi Rodrigo Anes de Sá quem casou com a ilustre e desconhecida dama, mas um seu pretense avô, de nome Afonso de Sá (onde teria ido o autor descobrir tal personagem?).

Mas vejamos o que nos relata Aires de Sá. Assim, após nos informar que aquele Afonso de Sá fora embaixador a Roma de Afonso IV, Rei de Aragão (1327-1336), filho de

Jaime II, Rei de Aragão (irmão da Rainha Santa), diz-nos o autor que ele casara com Cecília Colonna (aqui indica, confusamente, o Conde Pompeo Litta e o seu livro *Le Famiglie Celebri Italiane*, como fonte, segundo depreendemos). E continua a ascendência da Colonna afirmando ser “filha, de Giacomo Colonna, Sciarra Colonna, marquês

em 1289 (*Almanach de Gotha*)” e estendendo-se pelos avós e mais antepassados, bem como dos parentes mais próximos, de relevância histórica.

Mais adiante, debruça-se o autor, sumariamente, sobre a figura do suposto filho, João Afonso de Sá, apenas afirmando ter vivido no julgado de Santa Maria de Vermoim #onde é Sá, de que foi Senhor (inquirições do ano de 1343)”. Eis já aqui uma afirmação que merece reparos. Nada se afirma naquelas inquirições que nos leve a, concluir situar-se a Quinta de Sá naquele local. Mas, adiante...

Continua o autor: “Acerca, da origem Sá Colonna, que se mostra, aqui, pela tradição, pelo patronímico, pelo apelido e pela cronologia, além da menção do antigo ministro de Estado, general conde Pompeo Litta, ... houve, em 1922-1923, correspondência entre Ayres de Sá e o príncipe Colonna, vice-presidente do Senado italiano, o duque de Cesaró, ministro dos Correios e Telégrafos, de Itália, que é chefe de um ramo Colonna, o director do Archivo General de Simancas, D. Mariano Alcocer, o director do Archivo de La Corona de Aragón, em Barcelona, D. Rafael Andrés y Alonso. O Príncipe Colonna escreveu a Aires de Sá, em 10 de Janeiro de 1923: “II mio archivista, signor Francesco Tomassetti, prosegue lê ricerche... non dubitiche non si omette buona volontà”. Do Dr. Francesco Tomassetti recebeu Aires de Sá algumas cartas dando-lhe conta das investigações ordenadas, para o obsequiar, pelo amabilíssimo Príncipe Colonna.

Perguntou Aires de Sá ao Duque de Cesaró o que pensava acerca da pretensa origem dos Colonnas, que proviria da Roma antiga; o Duque respondeu-lhe, em carta de 1 de Dezembro de 1922: “Sarei forse in condizione di farle avere la



cosiddetta genealogia da Mário, console romano, in poi, ma non súbito. Pêro è supérfluo dirle che si tratta di una genealogia puramente legendária e fantástica, priva di qualsiati valore storico”.

Após todas estas considerações, cita o autor como filhos de João Afonso de Sá (não refere o nome da mulher) a Senhorinha Anes de Sá e Rodrigo Anes de Sá, de quem indica ter sido embaixador do rei D. Fernando ao papa Gregório XI (no «Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal», do Visconde de Santarém, tomo 9, secção xvii, não há qualquer alusão a uma embaixada chefiada por Rodrigo Anes de Sá. O mesmo silêncio se encontra nos «Anais de Aragão», de Zurita, acerca daquele Afonso de Sá), não se pronunciando sobre quem teria sido a mulher deste.

Passaremos adiante sobre a indicação de que o Conde Pompeo Litta se terá referido àquele Afonso de Sá e ao seu casamento com Cecília Colonna. Não pudemos confirmar, mas também não nos parece importante. É muito tardia a afirmação, a ser verdadeira (séc. xix), para poder ser considerada de valor histórico.

Aliás, a que propósito escolheria o monarca aragonês um desconhecido súbdito português para seu embaixador ao papado?

Interessa-nos, isso sim, a correspondência entre Aires de Sá e aquelas distintas personalidades. De todas aquelas cartas, o que nos diz o autor que comprove a aliança com os Colonnas? Que informação concreta lhe forneceu o Príncipe Colonna sobre a mesma? Apenas uma promessa de que tudo estaria a ser feito, a fim de poder dar a Aires de Sá a informação que ele desejaria. Pois, de 1923, de que é datada a carta do Príncipe, até 1941, em que o nosso investigador publicou o seu estudo (isto é, no espaço de 18 anos), nenhuma daquelas individualidades conseguiu descortinar qualquer documento ou livro onde se falasse no casamento do nosso Sá com a dona da linhagem dos Colonnas!

E a pergunta ao Duque de Cesaró acerca da origem dos Colonnas? O que é que tal interessava para o pretenso casamento do nosso Sá? Parece-nos um desvio a tentar confundir o leitor.

Depois de tudo isto, pergunto: o que é que nos fica do pretenso casamento? Quem casou com a Colonna, Rodrigo Anes de Sá ou um desconhecido e seu pretenso avô Afonso de Sá? Decida o leitor.

Sá de Miranda deixou-nos uma quintilha sobre esta aliança, incluída na 2ª carta a seu parente João Rodrigues de Sá de Menezes, o Velho: **“Dos nossos Sás coloneses / Gram**



FERNANDO M. MOREIRA DE SÁ MONTEIRO

tronco, nobre columna, /Grosso ramo dos Menezes, / Em sangue, e bens de fortuna, / Que he tudo entre Portugueses”.

Também o citado Sá de Menezes, nas suas “Quintilhas Heráldicas”, se referiu à sua família e àquele casamento: “*Nos esscaques celestriaes le de prata esta mostrado / o muy nobre & muy hõrrado, / & por batalhas rreaes / sangue de Saa derramado. Com que o romão Columnês / se mesturou d’atraués / cada hu de grão primor, / forte, leal, sem temor / em combates, y gualles*».

Pese muito embora a admiração e respeito que reservo aos poetas indicados, não me parece serem aquelas quintilhas suficientes para provar o referido casamento, tanto mais que foram já escritas cerca de dois séculos após a pretensa aliança (no livro “I Colonna dalle origini all’innizio dei secolo xix, da autoria de Prospero Colonna e editado em Roma em 1927, confirma-se a afirmação de Braamcamp Freire de que nem os livros italianos se referem àquele casamento. Assim, na pág. 50, diz-se que Giacomo Colonna (Sciarra Colonna) faleceu em 1328, deixando três filhos legítimos: Cecília, de quem não se refere casamento algum; Giacomo, senador em 1347; e Pedro, dito Sciarreta. Numa árvore genealógica anexa, um tanto confusa, fala-se duma Cecília Colonna (1295) que parece fosse filha de Agapito Colonna e de Mabília Savelli. Também a esta se não refere casamento. E é tudo)”.

Respondeu-me o distinto historiador brasileiro atrás referenciado:

«O fato de Davide Shamà, seguindo Pompeo Litta, ter colocado na versão original de sua tábua de descendência dos Colonnas, uma Cecília Colonna Sciarretta, “casada com um Alfonso de Sa, ambasciatore di Alfonso IV re d’Aragona” levou-me a uma troca de msgs com ele. Soube que existiu, de fato, uma família aragonesa, Sá, com descendentes na Sardenha.

Pode ser que aí esteja a origem dessa tremenda confusão na genealogia portuguesa dos Sás - família distinta dos aragoneses/sardos homônimos, assim como são distintos os Mellos portugueses dos comtes de Mello, franceses e algo mais antigos.

Estou convencido agora que **não houve nenhum casamento** Sá e Colonna no século XIV em Portugal. Cecília Colonna, bisneta de Sciarra Colonna, mesmo se bastarda, seria personagem importante demais para passar despercebida na



documentação contemporânea - um século depois, Clarice Orsini, uma bastarda dos Orsinis, casa-se com Lorenzo il Magnifico em Florença, e é personagem documentadíssima pela sua origem nesta grande família romana, tão poderosa quanto os Colonnas.

Depois, é surpreendente que, tendo um tão próximo parentesco ao papa Martinho V, Oddone Colonna, deste ramo da família, nenhum de seus supostos parentes portugueses tenham-lhe adotado o apelido. A origem da confusão deve estar na aliança aragonesa, provável, me parece.

Devo lhe dizer que estou cético, no momento, quanto à ocorrência do casamento ou mesmo da ligação. Quase que faço um apelo ao prezado amigo: convença-me, por favor, do contrário! ”.

Em 1349 estava ele já casado com **Mécia Pires**, de quem se desconhece documentalmente a filiação.

Em trabalhos anteriores (89), admitimos que ela fosse da linhagem dos do Avelar. Até certos documentos parecem indicá-lo.

Na nossa perspectiva, porém, não seria aceitável a filiação que lhe é atribuída por José Augusto P. de Sotto Mayor Pizarro (90).

Expliquemo-nos.

Em 11-8-1354 Pero Esteves do Avelar, escudeiro de Rodrigo Anes de Sá, escreve o seu testamento em que deixa a este como seu herdeiro universal, tratando-o por «*meu Senhor*» (91).

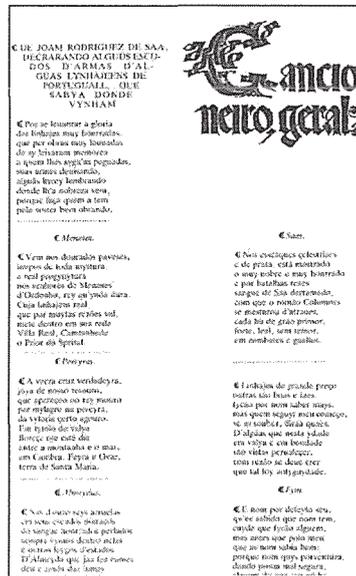
Era filho de Estêvão Pires do Avelar, cavaleiro (ainda vivo naquela data) e de sua mulher (uma dona da linhagem dos Pinhos).

Um seu irmão, de nome Martinho, tinha já falecido, sendo sepultado em Santa Maria da Várzea, do julgado de Lafões.

(89) Vide nota 57.

(90) Vide 2ª ob. cit. nota 44, pág. s 274-276.

(91) D. Luíz GONZAGA DE LANCASTRE E TÁVORA (Marquês de Abrantes e Fontes), «A Heráldica da Casa de Abrantes - Sás e Lancastres, Alcaldes Mores do Porto desde o séc. XIV», in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Vol. XXXIII, Fasc. 1-2, IIIª Parte (Apêndice Documental), doc. nº 1, pág.s 289-291.



As «Quintilhas heráldicas» de João Rodrigues de Sá e Menezes, no «Cancioneiro Geral» de Garcia de Resende

Neste testamento, escrito na quintã de Drizes, no mesmo julgado, que pertencia a Rodrigo Anes de Sá, o testador deixa-lhe, entre outros bens, a quintã do Pingo, naquele julgado, nunca referindo ter sido casado. E ao deixar seu Senhor como herdeiro universal, é óbvio que não tinha filhos.

Por outro lado, o tratamento entre o testador e seu herdeiro é, nitidamente, de dependência e nunca dum sogro para com o seu genro.

Poderia ser, isso sim, a relação entre um sobrinho e o tio (ainda que por afinidade), a criação de que fala José Mattoso (92).

E aqui reside, quanto a nós, o principal motivo para discordarmos da tese do Doutor José Augusto Pizarro, segundo a qual a mulher de Rodrigo Anes de Sá (Mécia Pires) seria filha daquele Pero Esteves do Avelar.

Pareceria mais credível ela ser sua tia e, como tal, filha de Pero Martins do Avelar (dito Pero Soveral), e de sua mulher

(92) Vide «Identificação de um País», Vol. I, pág. 222.